

LEÃO LOPES CAPITÃO FAREL

Maria Luísa Baptista

Pág. 371 a 376

Não sei nada de piratas, mas a introdução fantasiosa, fantástica, que *Capitão Farel* permite a tal mundo é verdadeiramente fascinante. Não me converterá à pirataria, que já é tarde para os excessos românticos dos vinte anos, mas só posso aplaudir vivamente toda a sábia artilharia estético-literária e pedagógica que lhe subjaz. Com efeito, a mestria de manipulação dos processos utilizados, numa adequação perfeita à matéria em causa e aos prováveis interesses e gosto dos destinatários visados (“todos os meninos do mundo”), tal saber e tal prática vão desaguar num efeito encantatório, envolvente, desde os capítulos iniciais.

Poder-se-á dizer que, de certo modo, Leão Lopes actualiza no protagonista desta obra a figura dos ancestrais contadores de histórias, preciosos repositórios do conhecimento em comunidades predominantemente ágrafas; de modo idêntico, dirigindo-se a *in-fantes* (etimologicamente ‘os que — ainda — não falam’), o Autor instila nas jovens mentes tanto quanto nos seus corações, a curiosidade e mais a informação, novos elos de transmissão de memórias e vivências. Fâ-lo num tom poético que caracteriza o diálogo Narrador – Capitão Farel, em que a fronteira entre o real e o sonho se esfumam, como nas neblinas de Novembro da bem amada Santo Antão – bem amada por Farel, *por coincidência* berço de Leão Lopes.

O título da obra é de imediato o primeiro elemento apetitoso, convidativo ao conhecimento da “Fabulosa História” de um pirata tratado como ‘Capitão’: tudo são maiúsculas, de resto, e a coisa deixa-se assim, desde logo, antever como algo de provavelmente extraordinário. Além disso, a excelente ilustração da capa (como aliás todas as outras) é singularmente expressiva: a criança da imagem bem pode funcionar como o *eu* do leitor/ouvinte visivelmente interessado nas inimagináveis revelações de um

velho, poço de sabedorias acumuladas durante uma existência tão longa que se tornou mítica. Na verdade, *Capitão Farel* é uma magnífica oportunidade para leitura acompanhada, quer pela dramatização que propicia, quer pela extensão conversacional de esclarecimentos vocabulares e factuais, quer ainda pelos laços de afecto que, mediante a história, se revigoram. Criam-se ou desenvolvem-se cumplicidades, empatias, confiança mútua, companheirismo.

O carácter cativante da leitura não para de se acentuar, pela criteriosa distribuição da acção em capítulos curtos, com remissões frequentes para o já narrado (apoio da memória, sedimentação do aprendido), com um modo muito elaborado ainda que na aparência trivial de abrir caminho para novos territórios da curiosidade, isto é, para novos degraus de auto-superação. As *histórias* encadeiam-se, enredam-se, o protagonista, narrador primeiro, passa a ouvinte, **Capitão** torna-se protagonista/narrador e passa a palavra aos heróis das suas façanhas (suas vivências), seus pares. A esta técnica de sobreposição de planos de narração não será com certeza alheia a experiência do Autor como cineasta. Na verdade, a contaminação dos processos resulta francamente num visualismo a três dimensões, numa aproximação em grande plano do episódio a actualizar, num certo 'verismo' convincente. Tal processo vem sublinhar, de resto, o que o Autor desde o início garante e reitera: “esta história é verdadeira, o meu Capitão existe” [...] “Todos os piratas que vão encontrar neste livrinho são personagens históricas e conhecidas” (p. 10). Aliás, a autenticidade será cunhada no retrato do pirata justamente pela fuga ao convencional, ao estereótipo: um pirata sem olho de vidro nem perna de pau, sem largas calças de lona desbotada nem tricórnio sebento, etc., etc., *apenas*, todavia, de barba hirsuta, sobranceiras espessas, olhos transparentes cor de água e um longo e bonito monóculo extensível (p. 13), traços identificadores indispensáveis. O narrador primeiro (ou o Autor?) não deixará, entretanto, de referir a existência de “provas” a confirmarem a veracidade da história, já que, aliás, se tinha comprometido a resgatar do esquecimento para os habitantes de Fontainhas a memória do seu pirata.

O perfil humano do Capitão, a multiplicidade pícara das suas vivências envoltas numa aura de mistério e segredos a desvendar, a busca da

utópica Libertália, casam na perfeição com a avidez adolescente de saber, com o sonho de uma realização ímpar, nunca vista.

Estes e outros condimentos, criteriosamente administrados, vão permitir a inclusão desmitificadora de uma História não encolarinhada nem abstracta: tanto a fome e a imundície de Londres e do País de Gales, que levam crianças de treze anos a fugirem clandestinamente nos barcos que por lá aportam, como, por exemplo, o comércio negreiro que envolveu a grande Europa – civilizada – durante séculos; ou as fomes caboverdianas devidas à lestada e, consequentemente, à seca.

Estas e outras informações assentam em convenientes e oportunas considerações sobre o clima, directa e inteligentemente relacionadas, por exemplo, com a orografia ou o regime de ventos:

Dos soberbos picos dos montes que protegem Fontainhas dos ventos do nordeste, destaca-se o de Manel Jeí / [...]; A neblina cerrada e leitosa cobria de Setembro a Março a grande, bela e serena montanha virada a norte, envolvendo-a num véu brumoso lembrando em cada ano a história que parecia esconder. Em Fontainhas apenas se contavam duas estações do ano. A estação do sol nascente e a estação do sol ausente. (pp.45 e 46).

Incorporando o saber tradicional, aludir-se-á aos festejos do Dia do Sol, quase “esvanecidos da memória”, e que, por necessidade absoluta de preservação, em defesa da própria identidade local, o Capitão decidiu contar. Neste intento de perpetuação de uma identidade se inclui a caracterização e enumeração de produções e actividades, ilha a ilha. Eis a consciência do restabelecimento a operar no orgulho justo de quem foi *uma gente alegre e laboriosa, uma gente viva e empenhada* (p.51), já que, *perdendo o sentido da festa, perdendo a música, a evocação do canto e da dança, perdemo-nos de nós próprios.* (p.51).

E assim, caminhando sem se dar por isso pela Geografia e pela História, se aprendem os oceanos, os continentes e as ilhas, se incorpora subtilmente todo um vasto léxico de cunho náutico a propósito das grandes navegações, sem que os piratas sejam exactamente os ‘maus da

fitas', mas tão só o produto de epocais circunstâncias de carência, não mais condenáveis possivelmente do que os nautas ao serviço oficial das potências europeias (sobretudo Holanda, Inglaterra, França, Espanha, Portugal).

O fascínio exaltante da desvenda de mundos ex-óticos (isto é, 'à margem do caminho') compreende o reverso da medalha, traduzido em intempéries naturais (borrascas sem nome, risco de naufrágios, naufrágios mesmo, prejuízos), ataques de inimigos, doenças (escorbuto, diarreias, ...) por múngua de alimentos frescos e água potável. Pungente mas necessária é a referência à acção do cirurgião de bordo que, praticamente sem meios, deverá actuar sem perda de tempo, forçado a dispensar anes-tésicos e anti-sépticos. Por outro lado, Capitão não deixará de aludir às duras actividades de reparação de danos nos navios após os temporais, durante as calmarias que não permitem a continuação da viagem.

E, no meio de todo este vasto palco que as marinhas tornaram familiar, porque contadas de forma compatível com a capacidade intelectual dos sujeitos leitores/ouvintes, aí mesmo no meio, centro do mundo, as gentis e esforçadas ilhas de Cabo Verde (Santo Antão no coração), a beleza de suas montanhas, ribeiras, vales verdes e praias ora de areia branca ora preta, com suas produções e actividades transformadoras típicas, com as ocorrências específicas que lhes marcam a vida, a elas e aos homens que estoicamente as habitam, as sabem apreciar e usufruir.

Notar-se-á ao longo de toda a narrativa o delicioso tom poético do discurso, que, entretanto, não deixará de ir adequando o seu registo à expressão de um narrador adulto, mesmo quando não se trata de Capitão Farel. As nimbadadas referências à despedida / à morte assumem um tocante tom elegíaco, que bem pode contar com a reacção emocionada do receptor, de qualquer receptor, aliás. De referir, todavia, que será a memória – e isso o Autor/Capitão sublinha-o – que virá resgatar do esquecimento todo o vigor de vivências seculares. Não foi de facto despicienda a relação estabelecida com o leitor ao longo da obra, relação que passa pela sua própria interpelação. Um só exemplo:

O que é que esta história tem a ver com Thomas Farewell e o facto

de ele ter sido confundido com francês, poderão perguntar. Mas, já lá vamos ter. (p. 64)

É, de resto, este tratamento em paridade, esta não infantilização do interlocutor, que também distingue esta de tantas outras bem intencionadas histórias em que o leitor criança se sente inferiorizado, considerado como menos capaz.

Um outro factor que contribui positivamente para uma leitura aprazível consiste numa selecção vocabular clara e acessível, com criterioso recurso ao léxico estritamente caboverdiano, o que amplia o âmbito de difusão desta bela obra para além da fronteira insular, como efectivamente merece. (Ocorrências como *tarrafê*, *barafula*, *trapiche*, *sangue de drago* ('dragoeira') conferem uma justa cor local, sem prejuízo do entendimento do texto).

A conseguida recuperação da saga pícara de Thomas Farewell a partir da "...nesga muito fininha da memória" dos meninos da ilha resulta de uma amorosa acção de restauro palimpséstico, fio de Ariadne vindo de um jogo infantil; isto segundo o que, em gesto de singular discrição, Leão Lopes nos informa na última página do seu **Capitão Farel**. Aí é que estava, afinal, a chave do tesouro da Gran Praia ...

Saudaria ainda de novo Joana Campante, pela qualidade das suas ilustrações.

Atrever-me-ia a sugerir que uma futura edição da obra incluisse como anexos mapas diversos (planisfério, o Atlântico, o arquipélago de Cabo Verde, cada uma das suas ilhas). Isso facilitaria ainda mais a compreensão das histórias, no apoio visual que o suporte constituiria.

Numa nota final, se me é permitido, gostaria de por à consideração da Editora a conveniência de uma cuidada revisão gráfica de obras de elevado cariz estético-literário, como é o caso de **Capitão Farel**, de LEÃO LOPES.

Parabéns a Leão Lopes pela sua bela obra, contributo inestimável para a difusão da cultura, fonte de prazer para crianças e adultos, sonho e liberdade feitos livro.